

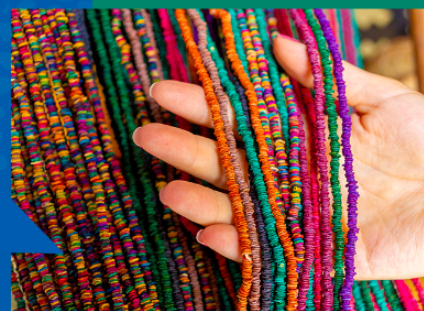


Resumo Executivo

AFROTURISMO NO BRASIL

Desenvolvimento étnico-territorial impulsionado
pela internacionalização da oferta turística
de afro empreendedores

Produto I



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE



Embratur



Diretoria Executiva

Marcelo Ribeiro Freixo

Diretor-Presidente

Bruno Giovanni Reis

Diretor de Marketing Internacional,
Negócios e Sustentabilidade

**Roberto Pedro Krukoski de Azevedo
Gevaerd**

Diretor de Gestão e Inovação

Gerência de Negócios e Estratégia para o Mercado Internacional

Alexandre Nakagawa

Gerente

Kalinka Vieira Cavalcanti Ferreira

Assessora de Gerência

Coordenação de Afroturismo, Diversidade e Povos Indígenas

Tania Neres

Coordenadora

Daniel Noble

Supervisor

Marya Eduardha

Jovem Aprendiz

Apoio/Colaboração

Yure Sousa Lobo

Supervisor de Projetos

Identidade Visual

Natália Bomfim

Coordenadora de Criação

Ronald Andrade de Albuquerque

Projeto Gráfico

Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF)

Eddy Bermudez

Diretor de Diversidade

Estefania Laterza

Representante no Brasil

Ana Tonello

Executiva

Claudia Almeida

Assistente Administrativa

Consultoria Especializada

Darwin Balanta García

Sumário

1. Apresentação.....	4
2.1 Objetivos.....	5
2. Afrofuturismo e turismo étnico: conceitos, contexto e tendências....	6
2.1 Turismo étnico.....	7
2.2 Afroturismo.....	8
2.3 Turismo étnico e afroturismo no continente africano.....	9
2.4 Turismo étnico e afroturismo nos Estados Unidos.....	10
2.5 Turismo étnico e afroturismo no Caribe e América Latina.....	11
2.6 Turismo étnico e afroturismo no Brasil e países de língua portuguesa.....	12
3. Metodologia.....	14
4. Critérios para sistematização de boas práticas de afroturismo e turismo étnico.....	15
5. Afroturismo e turismo étnico: uma revisão de literatura integrativa.....	21
6. A voz de quem faz o afroturismo: análise das entrevistas.....	23
6.1 Afroturismo: do geral ao particular.....	25
6.2 Desafios do setor.....	27
6.3 Boas práticas em afroturismo e um passo à frente.....	28
7. Boas práticas: o que dizem os dados.....	31
8. Conclusões e recomendações finais.....	35
9. Referências bibliográficas consultadas.....	37

1. Apresentação

A América Latina e o Caribe reúnem trinta e três países localizados numa linha geográfica e histórica. Antigua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, República Dominicana, Equador, El Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela estão unidos não somente pela proximidade geográfica, mas também por serem "transatlânticos" (Nascimento, 1989). São países para os quais, parafraseando a historiadora brasileira Beatriz Nascimento, foram transportados um modo de vida africano. Pensar o turismo a partir de uma lente que possibilite que pessoas de todo o mundo possam visitar, conhecer e valorizar as raízes africanas da região é uma ação que tem potencial de promover justiça e equidade racial, além de desenvolvimento econômico e social.

Nos últimos vinte anos, algumas iniciativas desenvolvidas no Brasil reconheceram o potencial turístico das manifestações culturais materiais e imateriais do povo negro. Em 2022, a prefeitura de Salvador lançou o plano de turismo “Salvador Capital Afro”, buscando posicionar a cidade como referência nacional e internacional do afroturismo, incentivando a valorização das manifestações culturais, da força das tradições, tecnologias ancestrais e incentivo aos negócios entre pessoas negras (de Souza, 2022). Em agosto de 2023, o Ministério do Turismo do Brasil realizou o "Encontro de Promoção e Consolidação do afroturismo". O evento foi um marco na promoção do afroturismo, reunindo secretarias de turismo de todas as regiões do país, agências e operadores de turismo para debater como o turismo pode ser um veículo de desenvolvimento social e econômico sustentável de comunidades negras do Brasil, tanto em suas áreas urbanas como rurais. Outro projeto de destaque é o "Rotas Negras" (Governo Federal, 2024), que visa promover a igualdade racial e fortalecer a identidade afro-brasileira.

Por este breve panorama, é possível perceber que o afroturismo vem ganhando relevância no país. Neste sentido, um aspecto imprescindível para o desenvolvimento dos negócios e projetos ligados à área é a implementação de boas práticas, ou seja, as melhores técnicas para a realização de uma tarefa, atividade ou procedimento (Boas práticas, 2021). No que se refere especificamente ao afroturismo, pesquisas sobre o tema ainda são escassas, e quando pensamos em referências que apontem para a reflexão de boas práticas, tanto o mercado quanto a academia ainda têm um longo caminho a percorrer.

Desta forma, o objetivo desta consultoria de pesquisa é levantar as boas práticas que vêm sendo desenvolvidas na área, assim como os avanços e desafios para o desenvolvimento do afroturismo no Brasil.

2.1 Objetivos

Objetivo geral

- Analisar as práticas de afroturismo e turismo étnico desenvolvidas internacional e nacionalmente, ressaltando aquelas que se enquadrem como boas e melhores práticas.

Objetivos específicos

- Analisar como os conceitos de afroturismo e turismo étnico tem se apresentado nacional e internacionalmente;
- Analisar o contexto histórico e tendências do afroturismo e turismo étnico em países da Europa e Américas.
- Destacar os destinos e modelos exitosos e inovadores na área afroturística, com relevância mundial;
- Apontar os principais desafios enfrentados por este setor turístico;
- Sistematizar boas práticas de afroturismo e turismo étnico, destacando o desenvolvimento sustentável, a inclusão social e a preservação cultural.

2. Afrofuturismo e turismo étnico: conceitos, contexto e tendências



Atividade cultural durante a Rota da Liberdade, em Cachoeira (BA). Foto: Acervo da Rota da Liberdade/ Andreza Viana de Santana.

Afroturismo é um termo relativamente novo, que emergiu no mercado do turismo brasileiro na última década. Muitas vezes confundido ou usado como sinônimo de turismo étnico, mas marcado por características singulares. O objetivo desta seção é traçar um panorama do desenvolvimento do conceito, assim como das tendências do setor nos principais mercados. Além disso, esta seção também busca ressaltar as experiências mais inovadoras e que contribuem para pensar as melhores práticas no afroturismo.

2.1 Turismo étnico

Os primeiros estudos aprofundados sobre turismo étnico se referem, em sua maioria, a populações nativas. Hoje, entende-se esse conceito de forma mais abrangente, possibilitando sua aplicação também a comunidades afro-descendentes, porém não se limitando a elas. Segundo Smith (1989, p.4), turismo étnico se resume a uma prática “comercializada junto do público em termos de costumes ‘pitorescos’ de povos indígenas e muitas vezes exóticos”. Também pode ser interpretado como “a viagem para experiências culturais que envolvem vivência de tradições, rituais e modos de vida de grupos étnicos” (Smith, 1989, p. 4).

Teoricamente, esse segmento busca valorizar a diversidade cultural e a interação entre grupos étnicos distintos. Entretanto, é importante observar e planejar o turismo para além do desenvolvimento econômico proposto, uma vez que, segundo MacCannell (1992), o turismo pode prejudicar ou beneficiar as comunidades locais e essa dinâmica vai depender primordialmente de como a atividade turística é gerida. Neste sentido, é importante observar os perigos da “*commodificação*” turística, fenômeno que ocorre quando as comunidades e manifestações étnicas são utilizadas como um *commodity*, ou seja, um produto a ser reconstruído de forma básica e insatisfatória que busca apenas alavancar a atividade turística local (Li Yang *et al.*, 2009), sem se preocupar com o impacto na preservação e na alteração da dinâmica cultural na comunidade anfitriã.

O turismo étnico ainda pode esbarrar em outra problemática: a espetacularização da cultura de forma a desconectar as comunidades nativas de sua verdadeira identidade. Esse simulacro atraente ao turismo, em sua maioria de massa, pode se tornar extremamente nocivo às populações marginalizadas que passam a entender o turismo como motriz financeira. Entende-se então que, ao estarem em situação de vulnerabilidade social e econômica, por historicamente serem removidos dos núcleos de decisão, quando se veem no papel de protagonistas dessa atividade, tornam-se um público mais suscetível a “moldar-se” ao que é facilmente comercializado.

No panorama brasileiro temos uma discussão complexa a partir do chamado “turismo em favelas”, por exemplo. Urry (2002) comenta sobre o imaginário turístico ao tratar da espetacularização da pobreza e do olhar ao “outro” de forma distante e deslocada. Esse imaginário turístico deve ser revisitado, principalmente no *marketing* que o local transmite para atrair o mercado.

2.2 Afroturismo

Até muito recentemente, como já mencionado, o afroturismo estava englobado como uma especificidade do turismo étnico e/ou cultural. Assim, nos primeiros estudos sobre o tema, é possível encontrar definições como "o turismo étnico-afro pode ser compreendido como um símbolo de resistência do negro" (De Farias et al., 2021, p.8).

O Sebrae, em um Boletim de Tendências em Turismo de 2020, definiu o afroturismo como um tipo de turismo que cria experiências e envolve as raízes e a cultura afrodescendente (SEBRAE, 2020). A publicação destaca o afroturismo como uma vertente do turismo cultural, cuja essência é conectar pessoas a histórias, culinária, costumes e questões sociais. Na mesma linha, dos Santos e de Sá (2021, p. 261) resumem o "turismo afro" como "turismo de experiências das manifestações culturais materiais e imateriais da população negra".

Ainda nesta compreensão do afroturismo como uma vertente do turismo étnico e/ou cultural, Trigo e Netto (2011) alertam para o fato de que este tipo de turismo depende, necessariamente, de compreensão profunda sobre a negritude no Brasil. Em estudo pioneiro sobre o tema, os autores apontam que o turismo étnico-afro apresenta algumas vertentes ou nichos: festas populares, gastronomia, centros culturais e museus, por exemplo.

Mais recentemente, entretanto, o conceito de afroturismo vem se destacando no campo teórico. De Souza (2022) destaca que "afroturismo" foi adotado, como termo, por profissionais do mercado do turismo para diferenciar-se de outros nichos do turismo cultural e étnico, especificando o propósito de trabalhar apenas com história, cultura e comunidades afrodescendentes. A autora revela, ainda, que o

termo turismo étnico poderia ser rejeitado por alguns operadores turísticos negros por considerar o termo racista. Segundo de Souza:

De “Turismo Étnico com recorte Afro”, o termo Afroturismo passou a ser utilizado oficialmente a partir de 2018, englobando não só as práticas de lazer e turismo afrocentradas, mas também para destacar protagonismo dos profissionais negros no mercado de turismo, seja nas agências de viagens, rede hoteleira, guias turísticos, profissionais de transporte, restaurantes e toda a cadeia de fornecedores e empresários impactados com essa prática, além de abordar a emergência das comunidades quilombolas e das periféricas majoritariamente negras em desenvolverem roteiros e experiências nessas localidades (de Souza, 2022, p.10).

Assim, é importante pontuar que afroturismo é um conceito que nasce no contexto brasileiro, a partir da experiências e agência de profissionais negros e negras atuando no mercado de turismo. Silva et. al. (2023) explica que o termo se refere a uma tendência observada a partir da segunda metade de 2010, quando várias experiências turísticas com foco na valorização das raízes e da cultura afrodescendente começaram a despontar a partir do movimento de afroempreendedores da área.

2.3 Turismo étnico e afroturismo no continente africano

Marrocos, África do Sul, Tanzânia, Quênia, Namíbia e Botswana se destacam na área de turismo étnico. Marrocos e Egito têm sido considerados um dos melhores destinos turísticos do mundo, devido a seus diferentes atrativos, que oferecem turismo histórico e cultural, além dos roteiros de belezas naturais que incluem o Deserto do Saara. Já Tanzânia, Quênia, Namíbia e Botswana são os destinos preferidos por visitantes que desejam explorar safáris e outros tipos de turismo de natureza. No que se refere ao turismo étnico, no Quênia e na Tanzânia destacam-se, ainda, experiências turísticas que aliam safári na Reserva Nacional Masai Mara com vivências junto ao povo Massai, um grupo nômade que vive entre os dois países (Karoki, 2011).

No entanto, nas últimas décadas, outro tipo de turismo tem apresentado o continente africano como um destino obrigatório: o turismo de raízes. Este tipo de turismo, abarcado na ideia do afroturismo é, segundo Queiroz (2008), aquele que

busca a conexão com o passado ancestral e tem a intenção de promover o encontro com as "raízes africanas" e com outros afrodescendentes. Os pioneiros neste tipo de turismo tem sido os afro-americanos. Um estudo realizado pela MMGY Travel Intelligence revelou que apenas em 2019, viajantes negros dos Estados Unidos investiram US\$ 129,6 bilhões em viagens deste tipo.

Muitos países do continente tem visto nesta necessidade de reconexão uma oportunidade para o desenvolvimento do afroturismo na região. Neste sentido, Ghana foi precursor em incentivar o turismo de afrodescendentes. Outros países que também têm influenciado o afroturismo são Nigéria e Gâmbia.

2.4 Turismo étnico e afroturismo nos Estados Unidos

No que se refere ao turismo étnico e afroturismo, na América do Norte, podemos mencionar os Estados Unidos como um país de destaque neste segmento turístico. Destacam-se cidades como Atlanta, que apresenta o circuito histórico sobre a luta pelos direitos civis, incluindo a vida e ativismo de Martin Luther King Jr. e o movimento dos Panteras Negras. A cidade de Nova York, uma das maiores metrópoles mundiais, é conhecida por celebrar a pluralidade e oferece diversos atrativos culturais afrocentrados. A cidade é o berço do *"Afropunk"*, evento que começou em 2005, como uma resposta à exclusão da população preta da cena musical e cultural (United States, 2024). Outro destino é Nova Orleans, onde a presença da cultura afro-americana é celebrada pela gastronomia e eventos culturais.

2.5 Turismo étnico e afroturismo no Caribe e América Latina



Visita guiada na cidade de Cartagena, Colômbia, realizada pela empresa *Real Experience Cartagena*. Foto: Acervo Alexander Rocha Arias.

A América Latina, assim como outras partes do mundo com presença da diáspora negra africana, não é indiferente ao relativamente novo fenômeno da prática massiva do turismo negro ou afroturismo. A Colômbia foi considerada o melhor destino internacional de afroturismo no *II Afrotourism Awards*, realizado durante o *World Travel Market* (WTM)¹ América Latina, realizado no Brasil, em 2024 (Gómez, Licsa, 2024). Destacam-se as cidades de Cali, onde ocorre o *Festival de Música del Pacífico Petronio Álvarez*; Cartagena, que conta com a beleza de suas praias e paisagens naturais. Nesta cidade, encontramos diversos *afrotours*, iniciativa inaugurada em 2010, pela empresa *Experience Real Cartagena*. Esta cidade está a 50 quilômetros de San Basilio de Palenque, considerado o primeiro povo livre das Américas, em 1713.

Outro país digno de nota é Panamá, pois é um dos poucos países da América Latina que contam com uma organização turística especializada para promover o turismo étnico, comunitário e outros. A Promotora de Turismo Internacional do

¹ É a maior feira de turismo da América Latina, acontece em São Paulo. Reúne 27 mil profissionais, agentes e expositores de países da América, África, Europa e Ásia (De Luca, 2024).

Panamá (PROMTUR) está dedicada a unir esforços dos setores público e privado para posicionar o Panamá como um destino mundial, focando na cultura afro como um de seus grandes atrativos. Neste país, se destaca a cidade de Portobelo, no Estado de Colón, onde está concentrada 62% da população afrodescendente do país (INEC 2023).

Nas Ilhas do Caribe, nas quais o turismo têm forte peso na economia da região, o afroturismo está se tornando ainda mais relevante para as comunidades nativas. Entre os países mais relevantes podemos citar Barbados e Cuba.

2.6 Turismo étnico e afroturismo no Brasil e países de língua portuguesa

No contexto de territórios lusófonos, podemos destacar países como Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal como destinos de interesse do afroturismo. Esse tipo de turismo tem conquistado espaço em Portugal, especialmente em Lisboa, onde bairros como Mouraria e Martim Moniz se destacam por sua riqueza multicultural e influência africana (Vitorino, 2018).

Em Angola, o afroturismo está em crescimento, com o governo do país se esforçando para se tornar um dos principais destinos turísticos da África nos próximos anos (MENSAGEM, 2024). No país se destacam áreas naturais como Cabo Ledo, a região do KAZA (*Kavango-Zambezi Transfrontier Conservation Area*), *Yona Park* e as Cataratas de Kalandula. Outro marco importante para o afroturismo em Angola, e também no Brasil, se deu em 2023 com o lançamento do projeto “Diáspora Africana no Brasil – Do Kongo ao Valongo”. O Projeto tem como objetivo aproximar o Brasil de Angola, criando roteiros que tragam o reconhecimento histórico e geográfico dos trajetos do tráfico atlântico de africanos escravizados entre os países (Unirio, 2023), compreendendo que o processo de colonização foi estruturante para a formação desses locais causando impactos duradouros e perceptíveis até os dias de hoje.

Cabo Verde também se destaca pelo turismo, que representa 20% do total da economia cabo-verdiana (Lobo, 2018). O afroturismo atua conectando os visitantes às suas raízes africanas, destacando a música, a dança e a culinária local, além da importância da diáspora na formação da identidade nacional (Lobo, 2018). Moçambique, por sua vez, é conhecido por sua diversidade cultural, refletida nas várias etnias do país (Da Silva, 2019). O afroturismo aqui envolve a exploração das comunidades costeiras, como as que habitam as ilhas de Bazaruto, e a valorização de suas tradições, como a dança e as festividades locais. O turismo cultural também inclui a experiência da vida rural, onde os visitantes podem aprender sobre a agricultura e as práticas locais.

No Brasil, o afroturismo vai além de um tipo de viagem: é uma forma de resistência cultural, como já enfatizado anteriormente. Roteiros exploram espaços históricos, como a Pequena África no Rio de Janeiro e o Pelourinho em Salvador, por exemplo. Na Bahia, se destacam iniciativas governamentais, com projetos como o "Salvador Capital Afro" e o "Rolê Afro", que têm como objetivo não só atrair visitantes, mas também promover reparação histórica.

Em São Paulo, podemos citar a criação do Museu Afro Brasil, inaugurado em 2004; o Festival Feira Preta, o maior evento de cultura negra da América Latina (Preta Hub, 2024), a "Rota da liberdade" e as caminhadas negras, realizadas mensalmente pelo Guia Negro.

No Brasil, assim como em outros países da América Latina e Caribe, o turismo em comunidades quilombolas se destaca no cenário de rotas afroturísticas. Destacam-se a região do Quilombo de Palmares, em Alagoas, já citada anteriormente; no estado do Rio de Janeiro, o Quilombo do Campinho da Independência, em Paraty; e, em Goiás, o Quilombo Kalunga, na cidade de Cavalcante (Moreira e Ferreira, 2024). Em todos os territórios mencionados encontramos atividades afroturísticas bastante desenvolvidas, focadas na narrativa de pessoas negras, locais, e no desenvolvimento comunitário de suas regiões.

3. Metodologia

Esta pesquisa será realizada a partir de uma abordagem qualitativa, partindo do nosso objetivo geral: analisar as práticas de afroturismo e turismo étnico desenvolvidas internacional e nacionalmente, ressaltando aquelas que se enquadrem como boas e melhores práticas.

Em relação aos meios, esta pesquisa utilizará técnicas mistas e triangulação, utilizando métodos de coleta e análise de dados diferentes, mas que dialogam e se complementam, a saber: a revisão de literatura integrativa e entrevistas semi-estruturadas. Abaixo, explica-se detalhadamente cada uma das técnicas de coleta e análise de dados.

- **Revisão de literatura integrativa:** busca de literatura publicada em inglês, espanhol e português, nas bases de dados Scielo, *Google Acadêmico* e o Portal de Periódicos CAPES, com as seguintes palavras-chave: afroturismo, turismo étnico, turismo comunitário, turismo afro.
- **Entrevistas semi-estruturadas:** pretende-se entrevistar a promotores de atividades afroturísticas que apresentam o maior número de boas práticas em afroturismo: 1) cinco (5) agentes estrangeiros, distribuídos entre países cujas experiências se mostram mais exitosas, como Colômbia, Panamá, Costa Rica, Barbados, etc; 2) cinco (5) agentes nacionais, pelo menos um de cada região geográfica do país. Os critérios de seleção para as entrevistas são: 1) ser pessoa negra; 2) liderar a atividade afroturística ou de turismo étnico; 3) ter pelo menos um ano de atividade; 4) atender ao público nacional e internacional; 5) atender ao máximo de requisitos definidos nos critérios de sistematização de boas práticas em afroturismo (p.30). As entrevistas serão analisadas utilizando a Análise Temática (AT), uma metodologia de análise de dados qualitativos que tem como objetivo identificar padrões e temas provenientes de um corpus de dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

4. Critérios para sistematização de boas práticas de afroturismo e turismo étnico

Boas práticas é uma expressão derivada do inglês e denomina técnicas identificadas como as melhores para a realização de uma tarefa, atividade ou procedimento (Boas práticas, 2021). As “boas práticas” também se referem a processos que levam a certificações que visam atestar a qualidade oferecida por um produto ou serviço. Segundo o Instituto Ecobrasil (MELHORES, 2024), não é possível apontar um único processo de “melhores práticas”, assim como também não há nenhum conjunto de “melhores práticas” que funcione para todos os lugares o tempo todo.

Em 2015, o Ministério do Turismo, o Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas desenvolveram o “Índice de competitividade do turismo nacional” (Brasil, 2015). Durante o trabalho de campo para a elaboração deste Índice, o Ministério considerou que ações e projetos que representavam economicidade, mobilização e cooperação nos destinos turísticos eram exemplos de “boas práticas”. A partir da identificação destes critérios, foram apontados alguns aspectos que podem ser considerados ao pensar em boas práticas turísticas (Brasil, 2015).

Em 2024, o Sebrae publicou o Manual de boas práticas para projetos de turismo de base comunitária com foco no ecoturismo (Manual, 2024). Neste documento, indicam algumas premissas que podem servir de referência para pensar as boas práticas no afroturismo: 1) engajamento coletivo; 2) protagonismo comunitário e 3) produção associada ao turismo.

A Futuri, uma aliança formada por instituições e pessoas envolvidas na gestão e operação do turismo, aponta que as boas práticas podem ser guiadas “por critérios (ações), resultados esperados e metas que estabelecem padrões mínimos de

sustentabilidade e medem a performance das atividades realizadas pelos integrantes” (Futuri, 2022). Em seu manual de boas práticas, sugere que cada critério possua diferentes parâmetros de avaliação, de acordo com o desenvolvimento da atividade. Já Souza e Pinheiro (2018) apontam uma série de diretrizes etnoturísticas, que se bem estão endereçadas aos visitantes, constituem uma boa fonte para pensar a formulação de critérios de sistematização de boas práticas no turismo étnico e no afroturismo.

Por fim, o Encontro de Consolidação e Promoção do afroturismo, realizado em 31 de agosto de 2023 (Brasil, 2023), traz uma série de proposições importantes que podem guiar o estabelecimento de critérios para a sistematização de boas práticas de afroturismo e turismo étnico, tais como: foco no protagonismo negro, oferta de produtos de afroempreendedores, letramento racial, interesse e engajamento comunitário, entre outros.

Desta forma, com base nas referências apontadas como boas práticas para o Turismo em geral (Brasil, 2015), para o Turismo de Base Comunitária (Manual, 2024), pelas diretrizes etnoturísticas (Souza, 2014) e pelo Encontro de Consolidação e Promoção do afroturismo (Brasil, 2023), a seguir apresentamos alguns critérios para a sistematização das boas práticas de afroturismo e turismo étnico que serão utilizadas no marco desta consultoria, durante os processos de mapeamento das práticas afroturísticas:

Quadro 1 - Critérios de sistematização das boas práticas de afrofuturismo e turismo étnico

Critério	Indicador	Fonte
Protagonismo negro (propriedade, gestão e execução dos serviços prestados)	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Protagonismo comunitário	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual 2024)
Serviços/produtos ofertados com foco na cultura negra	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Autenticidade dos serviços/produtos ofertados com foco na cultura negra	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual, 2024)
Serviços/produtos ofertados que contribuem para a valorização do patrimônio e da memória negra	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Letramento racial da equipe	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Qualificação da equipe	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)

Critério	Indicador	Fonte
Quantidade de serviços/produtos ofertados	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Atendimento ao público nacional e internacional	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Acessibilidade	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Aproveitamento dos recursos naturais de forma sustentável	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023) (Souza, 2014)
Práticas de sustentabilidade ambiental no produto/serviço	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Agência com sede local no destino turístico	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Promoção de benefícios locais	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Replicabilidade em outros destinos	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)

Critério	Indicador	Fonte
Envolvimento de atores locais	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Engajamento coletivo	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual 2024)
Produção local associada ao turismo	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual 2024)
Impacto do lucro na comunidade local	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Turismo como complemento das práticas econômicas tradicionais da comunidade	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Utilização de matéria prima e mão de obra local	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Promoção do intercâmbio cultural	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Protocolo de atenção ao turista <i>(existência de um guia de tratamento aos turistas, principalmente a turistas negros)</i>	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)

Critério	Indicador	Fonte
Protocolo de comportamento do turista (<i>existência de um guia de comportamento para turistas</i>)	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Inovação nas experiências/produtos/serviços	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Valorização das manifestações culturais, de forma contextualizada, evitando sua transformação em <i>commodity</i>	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Incentivo ao pertencimento étnico-racial e ao orgulho sociocultural	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)

Fonte: os autores.

5. Afroturismo e turismo étnico: uma revisão de literatura integrativa

Esta revisão de literatura apresenta os trabalhos mais relevantes sobre afroturismo e turismo étnico publicados em portais ou revistas científicas e disponíveis online. A busca foi realizada em três bases de dados: 1) Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 2) *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), e 3) Google Acadêmico, entre 18 e 26 de dezembro de 2024. Como descritores para as buscas foram utilizados os termos afroturismo, turismo afro e turismo étnico afro. Estes termos poderiam aparecer em qualquer lugar do texto, no título, nas palavras-chaves, etc. Inicialmente, o recorte temporal foi de 10 anos, mas pelas poucas referências bibliográficas sobre o tema, decidimos ampliar para os últimos 20 anos de publicação dos artigos, TCC e dissertações. Os idiomas nos quais se fizeram as buscas incluiu português, espanhol e inglês.

A busca encontrou 237 trabalhos no total. Para a seleção destes trabalhos, os critérios de inclusão foram: trabalhos acadêmicos que abordassem o afroturismo, preferencialmente estudos sobre o conceito, a participação das comunidades afros, boas práticas, economia, relevância da história negra nos roteiros e cooperação entre governo e guias/operadores. Após a leitura dos resumos, verificou-se que apenas 15 atendiam aos critérios de inclusão do levantamento. Na análise conjunta dos artigos, os seguintes aspectos chamam a atenção:

- **Prevalência de artigos escritos por autoras** (N=8) ou co-autorados por pessoas cujo nome pode ser atribuído ao gênero feminino (N=2);
- **A maioria dos estudos apresentam análises gerais (N= 9)** sobre o afroturismo, indicando que a área ainda carece de estudos que sejam capazes de avançar para além do panorama geral. Os outros cinco estudos apresentam estudos de caso ou análises de inspiração etnográfica. Vale ressaltar que alguns trabalhos, como o T8 e T12, apresentam importantes reflexões, apontando limites e potencialidades do afroturismo (T8) e até mesmo indicando padrões para pensar as boas práticas do setor (T12). Também chama a atenção a pouca ou nula utilização dos dados do setor turístico. Assim, fica evidente a ausência tanto de estudos macro como a utilização de técnicas quantitativas.
- **A maior parte dos estudos foca no contexto do afroturismo e não em atores específicos.** Os estudos abordam a importância do setor, narram o recente desenvolvimento e citam iniciativas dos empreendedores, porém poucos trabalhos como o T13 focam em atores específicos. Também não foram encontrados estudos que analisem com profundidade os outros profissionais envolvidos no afroturismo, como proprietários de agências, meios de hospedagem, guias, motoristas, etc.
- **Turismo de base comunitária e turismo étnico são utilizados, em alguns casos, como sinônimos de afroturismo.** Apenas um dos trabalhos distingue o afroturismo do turismo étnico, demonstrando que o conceito ainda está em estágio de desenvolvimento inicial.
- **Os estudos analisados apresentam diversas lacunas,** entre as quais podemos citar que não abordam temáticas fundamentais como: políticas públicas para o setor; dificuldades e barreiras estruturais para a expansão; impactos econômicos da atividade; estratégias de popularização do afroturismo; ausência de formação, especificamente de letramento racial para o desempenho das atividades.

6. A voz de quem faz o afroturismo: análise das entrevistas

Uma das lacunas apontadas durante a revisão de literatura apresentada na seção anterior é a ausência de estudos que tratem de atores específicos que atuam no setor do afroturismo. A maior parte dos estudos, por ser muito geral, acaba por não conseguir aprofundar nos desafios e nas oportunidades do setor, principalmente a partir da visão de quem faz o afroturismo. Assim, nesta seção, apresentamos dados coletados durante entrevistas realizadas presencialmente e online com responsáveis por treze (13) empreendimentos afroturísticos do Brasil, Colômbia, Panamá, Estados Unidos e Portugal.

As entrevistas foram gravadas em vídeo/áudio, depois transcritas, passando, portanto, a dados textuais. Esses dados qualitativos, oriundos das entrevistas, foram analisados a partir da Análise Temática (AT), uma base teórica que se aproxima aos estudos qualitativos. A análise dos dados arrojados pelas entrevistas têm como objetivo identificar padrões e temas provenientes de um corpus de dados. Assim, a partir da análise, emergiram três categorias.

- 1) Afroturismo: do geral ao particular;
- 2) Desafios do setor;
- 3) Boas práticas e um passo à frente

Quadro 3 - Agentes do afroturismo entrevistados

Código	País	Estado/Cidade	Empresa
E1	Brasil	Goiás, Cavalcante	Coleci Turismo
E2	Brasil	Alagoas, Maceió	Alagoas Cultural
E3	Brasil	Bahia, Cachoeira	Rota da Liberdade/Quilombo Kaonge
E4	Brasil	Maranhão, São Luiz	Cidade Griot
E5	Brasil	São Paulo, Taubaté	Sol Barbosa Turismo e Cultura
E6	Brasil	Rio de Janeiro, Rio de Janeiro	Conectando Territórios
E7	Portugal	Lisboa	Noz Stória
E8	Colômbia	Cartagena, Bolívar	Real Experience Cartagena
E9	Colômbia	Cali, Valle del Cauca	EcoPacific Tours
E10	Panamá	Portobelo, Colón	Casa Congo
E11	Estados Unidos	Miami, Flórida	Key to Maya
E12	Estados Unidos	Atlanta, Geórgia	Black Abroad
E13	Estados Unidos	Baltimore, Maryland	Buoyant Travel

6.1 Afroturismo: do geral ao particular



Passeio turístico realizado pela empresa de afroturismo Cidade Griot. Foto: David Ferraz.

Quando analisamos as características gerais dos agentes turísticos envolvidos com o afroturismo, é possível delinear um perfil de quem atua no setor. Na nossa amostragem, que já explicamos tratar-se de um recorte muito específico, temos um perfil equilibrado quanto ao gênero. Das 13 entrevistadas, todas eram cisgênero, sete (7) pessoas se identificaram com o sexo masculino e seis (6) com o feminino. Este dado contrasta com os dados apresentados na revisão de literatura. Em pesquisa realizada por Araújo de Oliveira (2020), predomina o perfil feminino no empreendedorismo afroturístico. Outro dado interessante é a origem dos empreendedores. A maioria das pessoas dedicadas ao afroturismo está vinculada aos seus locais de origem. Em relação às motivações para iniciar no ramo afroturístico é quase unânime no relato das pessoas entrevistadas a menção à invisibilidade negra no turismo, tanto na publicidade como no foco das narrativas turísticas, etc., como podemos perceber no trecho abaixo.

O que nos impulsionou a começar, um dos fatores iniciais, foi o *Google*. (...) Quando planejávamos uma viagem e procurávamos informações sobre coisas para fazer, nunca víamos representatividade. O conteúdo estava sempre voltado para a

perspectiva de viajantes brancos. (...) Em 2015, viajantes negros gastavam cerca de 64 bilhões de dólares no setor de turismo. Ao ver um número tão grande, esperávamos que esse público fosse representado no marketing e na publicidade, mas não era o caso. Havia um grande público que não estava sendo atendido pelo setor de turismo, apesar de gastar muito dinheiro. Pensamos: "E se criássemos conteúdo, avaliações e experiências de viagem voltadas para esse público? Eles gastariam ainda mais" (E12, entrevista pessoal, 2024).

Eu sempre pensava também nessa questão de como de como estaria representada a (...) história negra alagoana (...) não só para as pessoas de fora, mas para as pessoas de dentro também. (...) qualquer alagoano que você for conversar, você sempre vai ouvir essa mesma conversa, assim, do quanto, infelizmente, a história negra de Alagoas, apesar de tão significativa, a nível mundial para a história do povo negro (...) uma parte da população alagoana ainda não tem esse pertencimento, (...) muitos não conhecem. (...) a gente sente que é muito carente ainda das pessoas aqui em Alagoas se apropriarem dessa história, dessa cultura negra. Então a gente viu no turismo uma possibilidade de evidenciar isso, de valorizar, de resgatar algumas questões com foco na cultura negra, na identidade negra, na história negra alagoana, já que éramos duas, né, somos duas mulheres negras (E2, entrevista pessoal, 2024)

O afroturismo, como conceito, como já evidenciado na revisão de literatura, ainda é bastante incipiente, fato destacado pelo baixo número de trabalhos publicados sobre a temática. Entre os entrevistados e entrevistadas nesta pesquisa, que representam negócios de destaque da área, o afroturismo é uma referência presente. A maior parte dos agentes turísticos conhece o termo, mas apenas um dos negócios se define como “agência de afroturismo”.

O conceito de afroturismo é algo muito novo, realmente. Aqui em Cartagena, que é uma cidade que é referência do turismo na Colômbia, este conceito ainda não é muito conhecido. Ainda estamos começando a pensar e refletir sobre um turismo voltado para a história negra da cidade (E8, entrevista pessoal, 2024).

Quando a gente começou os roteiros da comunidade, ninguém falava de turismo comunitário, ninguém falava de turismo étnico, então a gente nem usa a palavra afroturismo aqui.(...) A gente considera (...) os nossos roteiros como turismo ou étnico-comunitário. Porque a gente traz a etnia dos nossos ancestrais, a nossa história, a nossa vivência, a nossa vida. Eu acho que o afro-turismo é mais um segmento, né? (...) Então, a gente costuma dizer aqui que a gente faz parte do segmento, mas sendo turismo étnico-comunitário porque foi como foi como nos formamos, entendeu? (...) Eu acredito assim que o afroturismo é só mesmo uma palavra que as pessoas estão usando para segmentar o que já existe (E3, entrevista pessoal, 2024).

Desde o início, quando eu tive contato com afroturismo, eu não entendi apenas como um produto mercadológico. (...) Então, eu entendo desde sempre que o afroturismo é uma necessidade política antirracista no setor. (...) Então, para mim era muito determinante estando em São Luís, que é uma capital é uma das capitais mais negras

do país, definir a agência como tal [agência de afroturismo] e de mostrar para quem quisesse consumir nossos produtos que estão vindo para experiências direcionadas ao afroturismo, para ver as histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em São Luís, né? Então, hoje a gente atua em todos os nossos roteiros com essa perspectiva (E4, entrevista pessoal, 2024).

6.2 Desafios do setor

Dentre as dificuldades relevadas pelos entrevistados, três apareceram de forma unânime. O primeiro deles é a falta de infraestrutura viária nas zonas isoladas das grandes cidades, onde se concentram os empreendimentos de afroturismo rural, quilombola e ecológico. Este aspecto é ressaltado por um dos entrevistados:

O grande problema da gente aqui são as estradas, para você levar o turista para poder chegar, adentrar as comunidades e ficar tipo três, quatro dias dentro da comunidade. O nosso transporte mais usado aqui é o veículo 4x4, né? Nesse período, as estradas aqui (...) para chegar nessas comunidades, não tem asfalto. É só estrada de chão. Quando chega nessa época aqui do ano, de outubro (...) até março, é bem difícil a situação. Então a gente precisa bastante do poder público (E1, entrevista pessoal, 2024).

O segundo fator é o baixo nível de capacitação profissional na área de turismo e idiomas. Esta dificuldade acaba deixando os os guias nativos e agências afros em desvantagem em relação às grandes agências do setor. Geralmente, estas empresas não têm letramento racial, não são nativos, mas contam com capital econômico e logístico superior aos afroempreendedores. O entrevistado E4 expressa o seguinte:

As dificuldades que a gente apresenta (...) eu acho que é um cenário geral (...), a formação de guias e de profissionais que atuam no setor, eu acho que é preciso haver um olhar para o currículo, né, para se tratar das questões ético-raciais no turismo. Eu digo isso por experiência própria (E4, entrevista pessoal, 2024).

(...) não há pessoas que falem inglês e com formação em turismo e a solução não está sendo pensada a curto prazo. (...) não vai ser uma solução rápida, por isso temos de encontrar formas de garantir que não outras pessoas que não são negras nem locais conduzam as visitas guiadas (E9, entrevista pessoal, 2024).

E, por último, a falta de regulamentação/implementação de políticas públicas que beneficiem o setor do afroturismo no Brasil, país com grandes perspectivas econômicas e culturais com relação a esta iniciativa que está movimentando pessoas negras de toda a diáspora. Através de um trecho de uma das entrevistas apresentamos este pensamento.

Os principais desafios enfrentados (...) incluem a falta de infraestrutura adequada em algumas áreas, especialmente em regiões mais remotas, o que dificulta a implementação de projetos de forma eficiente. A dificuldade de acesso a financiamento também é um obstáculo importante, comprometendo a expansão e a melhoria das iniciativas da agência. Além disso, a capacitação de guias locais se apresenta como uma necessidade urgente para garantir uma experiência turística autêntica e respeitosa, assegurando que as comunidades locais se beneficiem diretamente do turismo e que a prática do afroturismo seja conduzida de maneira ética e sustentável (E6, entrevista pessoal, 2024).

Outros desafios enfrentados pelos afroempreendedores que podemos citar são a conquista da confiança do *trade* turístico e a romantização e esvaziamento político do afroturismo.

6.3 Boas práticas em afroturismo e um passo à frente

Pese a não haver uma definição, neste relatório tentamos estabelecer uma primeira aproximação à criação de critérios para sistematizar as boas e melhores práticas em afroturismo, a partir de guias anteriores publicados pelo Ministério do Turismo do Brasil, Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas (ver página 38 deste relatório). Durante as entrevistas, foi possível perceber que a maior parte destes critérios vêm sendo colocados em prática pelos agentes turísticos. Assim, destacamos alguns critérios encontrados na maior parte dos empreendimentos analisados, como: protagonismo negro, protagonismo comunitário, promoção de benefícios locais, engajamento coletivo, impacto do lucro na comunidade, utilização de matéria prima e mão de obra local, valorização das manifestações culturais, de forma contextualizada, etc.. Estes critérios podem ser percebidos na fala dos entrevistados abaixo:

(...) neste setor, especificamente em Miami, que é um dos principais destinos turísticos do mundo, há poucos donos negros de negócios turísticos na Flórida. Eu poderia contar nos dedos de uma mão quantos operadores de turismo conheci que realmente possuem um negócio aqui em Miami. Então, percebi que era necessária uma representação maior. Depois da pandemia, pude realmente colocar minha excursão sobre a história negra em destaque. E, com isso, além do meu principal *tour* de história negra, com todos os outros passeios que ofereço, eu realmente quero garantir que a história negra seja representada de alguma forma (E11, entrevista pessoal, 2025).

(...) como vamos à comunidade, a ideia também é contribuir para o desenvolvimento da economia comunitária....não fazemos uma visita tipo “invasão”. Os turistas

participam de atividades orgânicas na comunidade, entram na livraria, participam de atividades no centro cultural, almoçam. É uma maneira de entrar numa comunidade com mais respeito. Também contribuímos com os negócios locais, repassamos parte dos valores do passeio para Projetos e pessoas necessitadas. Precisamos colaborar com a comunidade. (E7, entrevista pessoal, 2024)

(...) é a forma como a gente trabalha coletivamente. São 20 famílias que sobrevivem da Rota da Liberdade. (...) As falas estão alinhadas, a gente conta a nossa história, a gente não inventa. A gente mostra a nossa realidade. Então, todas as pessoas que vão para a comunidade, alunos, estrangeiros, famílias, nós mostramos nossos saberes e fazeres de uma forma muito coletiva. Então, acho que a coletividade, eu acho que é o ponto forte mesmo, o ponto principal da gente (E3, entrevista pessoal, 2025).

As entrevistas nos possibilitaram visualizar quais critérios vêm sendo atingidos com maior facilidade pelos agentes turísticos e quais consistem em desafios para o setor, uma vez que aparecem em menor escala. Boas práticas como acessibilidade e sustentabilidade aparecem de forma isolada em alguns dos empreendimentos, mas já demonstram a preocupação do setor em oferecer o afroturismo para todos os públicos e respeitando o meio ambiente, como destacam os trechos das entrevistas abaixo.

Nós recebemos cadeirante, ganhamos uma cadeira chamada cadeira Juliete. Já ouviu falar? Uma cadeira de roda que ela só tem uma roda. Ela é adaptada para fazer trilha. Essa Juliete, ela é conduzida por dois condutores. Também estamos preparados para receber o deficiente visual, conseguimos fazer uma trilha sensorial, por exemplo (E1, entrevista pessoal, 2025).

Outros critérios como a capacidade de recepção de público internacional e conseguir ofertar uma maior quantidade de serviços ofertados de forma conjunta apareceram ainda menos nas falas dos nossos entrevistados. Em apenas um dos negócios, é possível encontrar uma experiência afroturística completa, incluindo passeios e atividades, hospedagem e gastronomia e que, ainda, tem capacidade para recepção do turismo internacional.

A Casa Congo, como estão vendo, é um hotel, um restaurante, um museu e um passeio afro-turístico. O meu pai e a minha avó são daqui de Portobelo. Eles viveram e compreendem a essência de ser negro no Panamá e a importância do que a cultura congoleza carrega, e que não pode morrer. É por isso que a represento. Fui estudar inglês na Irlanda, e esta experiência realmente faz a diferença no atendimento ao cliente.

Desta forma, salientamos que quanto mais critérios de boas práticas os empreendimentos afroturísticos conseguirem oferecer, mais a experiência será replicável em outros locais e sustentável. Para finalizar este capítulo, é importante pontuar como alguns agentes afroturísticos estão inovando na oferta de experiências na área. Citamos um exemplo de prática que, se bem não faz parte dos critérios de sistematização e ainda está em vias de implementação, consideramos um avanço para o tratamento da diversidade no turismo. Uma das empresas entrevistadas, E4, anunciou a criação de uma experiência voltada especificamente para o público LGBTQI+ em seu catálogo de produtos. Na próxima seção, analisamos as boas práticas de forma quantitativa-qualitativa, buscando evidenciar as principais fortalezas e desafios do setor.

7. Boas práticas: o que dizem os dados

A partir dos 27 critérios de sistematização (ver página 38), escolhemos 11 deles, por terem aparecido em maior ou menor grau, durante as falas dos entrevistados e entrevistadas (figura 1 e figura 2).

Figura 1 - Comparativo geral entre as empresas

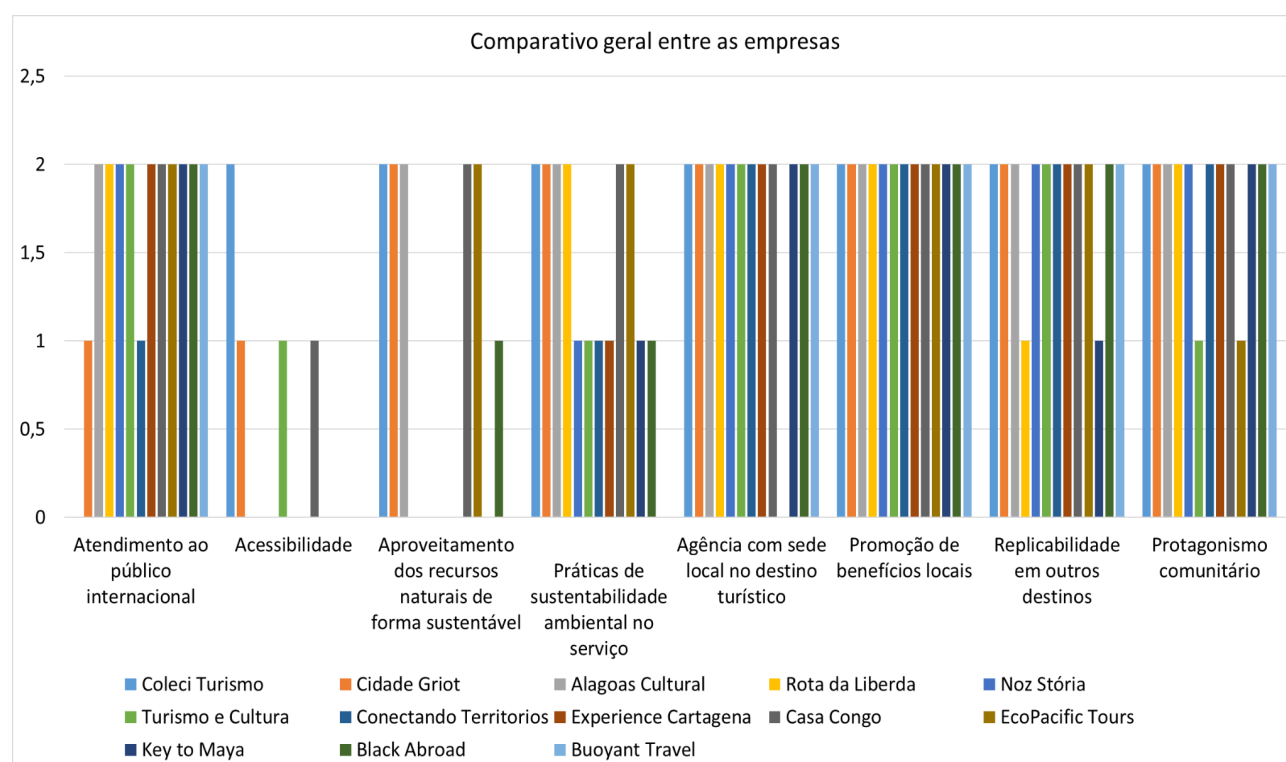
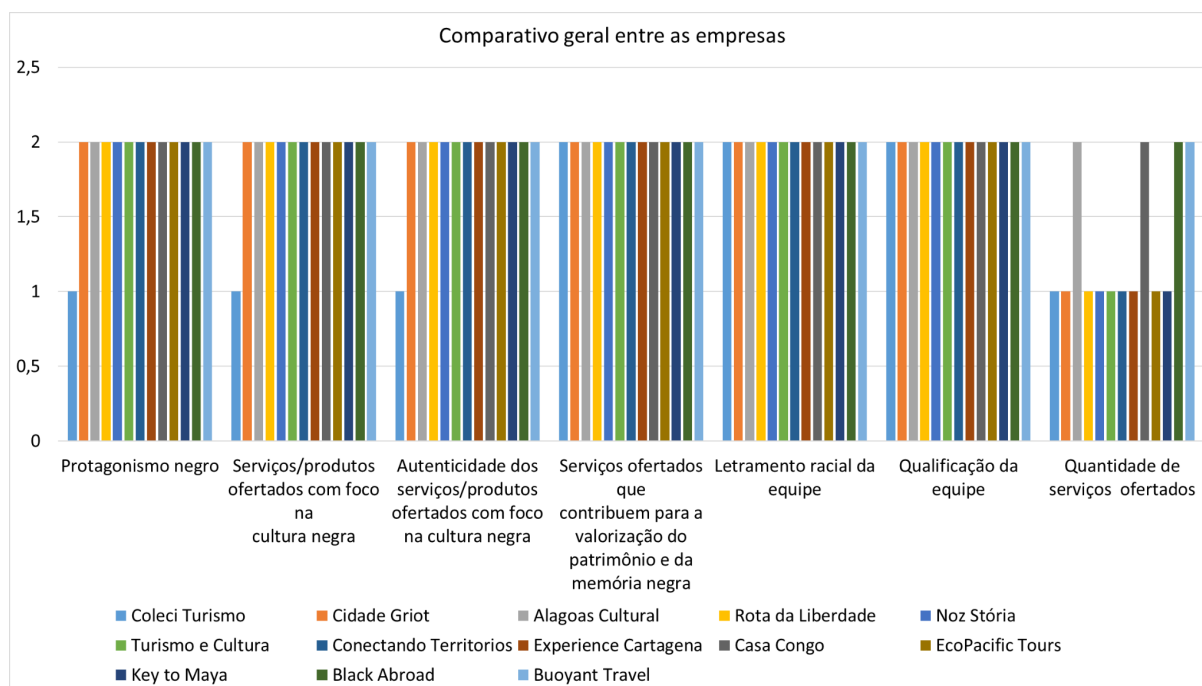


Figura 2 - Comparativo geral entre as empresas



Fonte: Os autores.

Percebe-se que alguns critérios se destacam, aparecendo na maior parte das experiências, como promoção de benefícios locais, agência com sede no destino, replicabilidade em outros destinos e protagonismo comunitário. Outros critérios, entretanto, têm uma menor taxa de incidência, como acessibilidade, aproveitamento dos recursos naturais e práticas de sustentabilidade ambiental.

O protagonismo negro e o letramento racial aparecem como critério presente nas 13 empresas. As entrevistas sobre o tema em questão dão conta de que doze (12) dos treze (13) entrevistados oferecem seus serviços 100% ao turismo afro, apenas a Coleci turismo integra afroturismo e turismo ecológico. Ainda assim, esta integração é assentada nas raízes ecológicas da cultura quilombola. Sobre o letramento racial, não é arriscado dizer que uma pessoa com formação em turismo, mas sem letramento racial, não possui os elementos básicos para desenvolver um roteiro afroturístico responsável, amigável e respeitoso com o turista afro.

A pesquisa também encontrou uma forte valorização do patrimônio e da recuperação da memória coletiva negra por parte dos treze entrevistados. Em outras palavras, 100% das empresas que foram parte deste trabalho estão comprometidas com um dos pilares centrais do afroturismo. Outro critério alcançado por todas as empresas foi a promoção de benefícios locais, impactando toda a cadeia econômica de seus locais de atuação.

Pese a que vários critérios que podem ser considerados boas práticas têm sido atingidos pelos empreendedores entrevistados, um deles constitui um requisito que aparece, ainda, de forma muito incipiente: a acessibilidade. Apenas um dos agentes turísticos atinge o nível de excelência (indicado pelo número 2), outros três estão em posição intermediária (indicado pelo número 1) e a maioria não disponibiliza atendimento com acessibilidade (indicado pelo número 0).

A baixa oferta de serviços é outro problema. Dos treze entrevistados, ressaltamos a experiência de Casa Congo (Panamá). O empreendimento conta com hotel, restaurante, *tour*/passeios e galeria de arte; tudo representando a Cultura Congo. Desta mesma forma, *Black Abroad / Buoyant Travel* (dos Estados Unidos) apresentam uma ampla rede de colaboradores/aliados ao redor do mundo, através dos quais conseguem oferecer serviços diversos para as pessoas que os escolhem para as experiências.

Nas ausências ainda se destaca a sustentabilidade que se apresenta nos empreendimentos de afroturismo. Seis (6) de treze (13) entrevistados já estão trabalhando na implementação de práticas amigáveis com o meio ambiente, todas voltadas para o turismo em áreas rurais. A qualificação em idiomas é outro ponto débil. As experiências melhor qualificadas neste item foram encontradas nas agências estrangeiras como Casa Congo de Panamá, *Experience Real Cartagena*, *Eco Pacific Tour* da Colômbia, Noz Stória de Portugal. A este grupo também se juntam as empresas norte-americanas; *Key to Maya*, *Black Abroad* e *Buoyant Travel*.

A partir dos gráficos apresentados, conseguimos ter uma visão bastante ampla sobre as boas práticas que já vem sendo implementadas pelos empreendedores do afroturismo. Mas, sobretudo, é possível lançar um olhar para as práticas que ainda precisam ser reforçadas no seguimento: a acessibilidade, o aproveitamento dos recursos naturais, as práticas de sustentabilidade ambiental no serviço e a quantidade de serviços oferecidos. Outros critérios como ter um protocolo de comportamento do turista ou de atendimento do turista, como um documento formal, ainda não chegaram a ser implementados pelos empreendedores. Pese a que empresas como Noz Stória (Lisboa, Portugal) e Coleci Turismo (Cavalcante, Brasil) mencionaram que fornecem informações orais aos turistas sobre comportamentos considerados inadequados durante a experiência turística.

8. Conclusões e recomendações finais

Os resultados que apresentamos aqui são baseados em diversos dados, como fontes oficiais, fontes bibliográficas, visitas e acompanhamento de atividades afroturísticas em seus locais de atuação, entrevistas, etc. Entre as fontes consultadas para esta pesquisa, podemos citar:

- **Governo federal:** Ministério da Cultura, Ministério do Turismo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil, Ministério da Igualdade Racial, Embratur, Ministério da Integração e do desenvolvimento regional;
- **Governos estaduais:** Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, Governo do Estado de São Paulo, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG);
- **Governos municipais:** Prefeitura de Salvador , Prefeitura de São Paulo, Secretaria de Cultura de Cali;
- **Setor privado/ONGs:** SESC, SEBRAE, Preta Hub, Confederação Nacional de Municípios;
- **Organismos internacionais:** Patrimônio Cultural do Mercosul, Banco Interamericano de Desarrollo (BID), Barbados Ministry of Tourism and International Transport, California State University , ONU, Instituto Nacional de Estadística y Censos de Panamá, World Travel and Tourism Council (WTTC).

A partir das falas dos(as) agentes turísticos e das referências bibliográficas analisadas, foi possível visualizar como alguns dos critérios de boas práticas estão sendo colocados em prática pelos agentes afroturísticos. Entre elas, destacamos: o manual de bom comportamento e respeito ao entorno sócio-ambiental que o turista

precisa conhecer e cumprir antes de ingressar no Quilombo Kalunga, em Goiás; a implementação de acessibilidade para cadeirantes, na experiência ecológica ofertada por Coleci Turismo; o domínio da língua inglesa por toda a equipe de *Real Experience Cartagena*; a promoção de benefícios locais que a Rota da Liberdade do Quilombo Koange proporciona; a quantidade e qualidade de serviços que a Casa Congo apresenta em seu espaço físico e, por último, destacamos a rede mundial de operadores afroturísticos que as três (3) agências dos Estados Unidos oferecem para centralizar a movimentação dos principais viajantes negros do mundo, os afro-norte americanos.

Nesta pesquisa, também ressaltamos como os conceitos de afroturismo e turismo étnico aparecem, muitas vezes como sinônimos. Ainda lançamos um olhar panorâmico pelo contexto histórico e as tendências deste turismo na Europa, África e América. Entre os achados mais relevantes, destacamos a importância do afroturismo em países como Cuba, Barbados, Colômbia, Tanzânia, Estados Unidos, Egito e França, onde o turismo contribui, anualmente, com uma importante porcentagem no Produto Interno Bruto (PIB). Por outro lado, neste trabalho também destacamos os modelos exitosos e inovadores do afroturismo no mundo, como Colômbia e Panamá, países que são referência na região em afroturismo. Atualmente, a Colômbia aparece como o melhor destino afroturístico do mundo. Já o Panamá apresenta uma parceria exemplar entre operadores do afroturismo e o Ministério do Turismo Nacional.

Por fim, entre os desafios apresentados pelos entrevistados e entrevistadas, apontamos os principais: necessidade de material bibliográfico e formação sobre o tema; visibilização; apoio econômico; capacitações profissionais em lugares afastados dos grandes centros urbanos; e melhoria da infraestrutura viária nas zonas rurais. Uma vez vencidos estes desafios, certamente os afroempreendedores terão condições de competir com as grandes e tradicionais agências turísticas.

9. Referências bibliográficas consultadas

ARAÚJO DE OLIVEIRA, N. Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra : Afro-entrepreneurship in tourism, racial inequality and strengthening of black identity. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 42-63, 2020. DOI: 10.21680/2357-8211.2021v9n1ID22322.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/22322>>. Acesso em: 22 out. 2024.

Brasil, Ministério do Turismo. Índice de Competitividade do Turismo Nacional: relatório Brasil 2015. **Ministério do Turismo**. Brasília, DF: 1-84, 2015. Recuperado de <http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Relatorio_Brasil_2015_WEB.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2024.

Brasil, Ministério do Turismo. Boas práticas em turismo 2015. **Ministério do Turismo**. Brasília, DF. Recuperado de <http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Boas_Praticas_2015.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2006-06991-002>>. Acesso em: 01/11/2024.

BOAS práticas em processo e defesa civil. **Ministério da Integração e do desenvolvimento regional**. 2021. Disponível em <<https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/protecao-e-defesa-civil/boas-praticas>> Acesso em: 20 out. 2024.

BOLETIM de tendência janeiro-fevereiro/ 2020 – Afroturismo. **Sebrae**, 2020. Disponível em <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/991affafaf632b27f0127d013a34c1f5/\\$File/31461.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/991affafaf632b27f0127d013a34c1f5/$File/31461.pdf)> Acesso em 20 de outubro de 2024.

DA SILVA, Manuela Ramos; DE SOUZA BARBOSA, Marcos Antônio; LIMA, Lucas Gabriel Bezerra. Usos e possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos em Administração: explorando a análise temática. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 14, n. 1, p. 111-123, 2020.

DA SILVA, José Julião. Turismo em Moçambique: oportunidades, desafios e riscos. **AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v. 03, n. 03, out. 2019.

DE FARIAS, João Paulo Bloch; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; SANTOS, Letícia Cassiano. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n. 2, 2021.

DOS SANTOS, Joice; DE SÁ, Natália Silva Coimbra. A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in) visibilidade no turismo: The black woman traveler: experiences and strategies to combat their (in) visibility in tourism. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 9, n. 2, p. 252-269, 2021.

FUTURI. Manual de boas práticas para a sustentabilidade no turismo. **Futuri**. 2022. Recuperado de <https://futuribrasil.com/wp-content/uploads/2022/07/Manual-de-Boas-Praticas_Futuri.pdf> . Acesso em 01 novembro de 2024.

GÓMEZ, Licsa. Colombia fue elegido como el mejor destino turístico afro del mundo. **INFOBAE**, 2024. Disponível em: <<https://www.infobae.com/colombia/2024/04/26/colombia-fue-elegido-como-el-mejor-destino-turistico-afro-del-mundo/>>. Acesso em: 20 out. 2024.

HISTÓRICO: Festival feira preta 2024 quebra recordes de público e alcance. **Preta Hub**, 17 maio de 2024. Disponível em: <<https://pretahub.com/historico-festival-feira-preta-2024-quebra-recordes-de-publico-e-alcance/#:~:text=O%20Festival%20Feira%20Preta%202024%20atraiu%20mais%20de%2060%20mil,seus%2022%20anos%20de%20hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 25 out. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INEC). **Censo Nacional de Población y de Vivienda**. Ciudad de Panamá, 2023.

LOBO, Andréa. ÁFRICA... MAS NÃO MUITO! TURISMO E AFRICANIDADE EM CABO VERDE. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 08, n. 03, p. 943-972, set.-dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752017v838>>. Acesso em: 22 out. 2024.

MANUAL de boas práticas para projetos de turismo de base comunitária. **SEBRAE/MS**, 2024. Disponível em: <<https://ecoturismo.sebrae.com.br/storage/midiateca/documentos-1725399007-461.pdf>> Acesso em 01 de novembro de 2024.

MELHORES práticas em ecoturismo. Instituto **ECOBRA**SIL, 2024. Disponível em: <<http://www.ecobrasil.provisorio.ws/?id=852:snuc-texto&catid=4>>. Acesso em: 19, out, 2024.

MENSAGEM do PR Koão Lourenço aos novos responsáveis do turismo e cultura, em cerimónia esta manhã no palácio presidencial da Cidade Alta em Luanda. **JORNAL FACTOS DE ANGOLA**, 1 abr. 2024. Disponível em: <<https://factosdeangola.com/2024/04/01/mensagem-do-pr-joao-lourenco-aos-novos-responsaveis-do-turismo-e-cultura-em-cerimonia-esta-manha-no-palacio-pr-esidencial-da-cidade-alta-em-luanda/>>. Acesso em: 25 out. 2024.

MOREIRA, Uilce Edeltrudes; FERREIRA, Lara Cristine Gomes. O turismo de base comunitária no território Kalunga: um olhar para a Comunidade Quilombola Vão do Moleque, no município de Cavalcante-GO: Community-based tourism in the Kalunga territory: a look at the Quilombola Community Vão do Moleque, in the municipality of Cavalcante-GO. **Élisée-Revista de Geografia da UEG**, v. 13, n. 01, p. e1312406-e1312406, 2024.

PALESTRA DE LANÇAMENTO DOS ROTEIROS DE VIAGEM 'DO KONGO AO VALONGO' ACONTECE NESTA QUINTA-FEIRA (25). **UNIRIO**, 25 maio 2023. Disponível em: <<https://www.unirio.br/news/palestra-de-lancamento-dos-roteiros-de-viagem-do-kongo-ao-valongo-acontece-nesta-quinta-feira-25>>. Acesso em: 28 out. 2024.

QUEIROZ, Mércia Maria Aquino de. Turismo de raízes na Bahia: um estudo sobre a dinâmica do turismo étnico (afro) na Bahia: os casos do Pelourinho / Salvador e da Festa da Boa Morte / Cachoeira. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, **Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2008.

ROTAS NEGRAS. **Governo Federal. Ministério da Igualdade Racial**. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/rotas-negra>>. Acesso em: 25 out. 2024.

SANTOS, Thainá Souza. O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo. Monografia, **Universidade de São Paulo**. Recuperado de: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/tc4087-Santos.pdf>, 2018.

SMITH, Valene L. **Hosts and guests: The anthropology of tourism**. University of Pennsylvania Press, 1989.

SOUZA, Nadson Nei da Silva de e Pinheiro, Thaís Rosa. Turismo Étnico. Rio de Janeiro: **Fundação Cecierj**, 2018.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; NETTO, Alexandre Panosso. Turismo étnico afro no Brasil. **VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Balneário Camboriú**, 2011.

UNITED States – Afropunk Festival. HISTORY OF BLACK TRAVEL Disponível em: <https://historyofblacktravel.com/timeline/afropunk-festival/>. Acesso em: 20 out. 2024).

URRY, John. **The tourist gaze**. sage, 2002.

VITORINO, Daniela Alexandra Guilherme. Martim Moniz como lugar urbano de multiculturalismo: espaço mundo-centro multicultural de inovação e promoção artística no quarteirão entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça. 2018. Projeto final (Mestrado em Arquitetura) – **Universidade de Lisboa**, Lisboa, 2018. Disponível em: ProQuest Dissertations & Theses.

YANG, Li; WALL, Geoffrey. Ethnic tourism: A framework and an application. **Tourism Management**, v. 30, n. 4, p. 559-570, 2009.